

"Aspectos Econômicos da Cafeicultura Paulista"

Em prosseguimento ao Ciclo do Café, promovido pelo Seminário de Problemas Econômicos Brasileiros da Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais de Santos, o engenheiro-agrônomo Rubens de Araújo Dias, chefe da Seção de Análises de Mercados e Preços da Divisão de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura, pronunciou na Faculdade de Direito de Santos uma palestra subordinada ao tema "Aspectos Econômicos da Cafeicultura Paulista", cujo resumo, damos a seguir:

QUEDA DE RENDA REAL

Depois de tecer considerações sobre a situação cafeeira no Brasil e no mundo, o orador assinalou que a cafeicultura paulista, nos últimos anos, vem sofrendo diminuição no valor real de suas rendas. De fato, os relativos aumentos que ocorrem nos valores correntes não são suficientes para compensar a perda do valor do cruzeiro, que decorre de notórios fatores inflacionários. Dessa maneira, em termos de preços de 1948-52, a renda da cafeicultura paulista, em 1960, deve atingir apenas 3,6 bilhões de cruzeiros (em valores correntes isso representa 21,2 bilhões) ou seja a metade do valor mínimo alcançado nos últimos dez anos. Deve-se notar que essa perda na renda ocorre a despeito de a produção paulista de café ter-se expandido consideravelmente nos últimos anos, aproximando-se o seu volume das safras registradas na década de 30. Tal número é consequência de extensos plantios efetuados em São Paulo, sob o estímulo dos preços mais elevados que os lavradores receberam no período de 1950-56. Assim é que, na última década, o número de ca-

feeiros em nosso Estado passou de 1 para 1,4 bilhão.

"No entanto — prosseguiu o sr. Rubens de Araújo Dias — em vista das maiores produções obtidas não só em São Paulo, mas principalmente no Paraná e mesmo em outras regiões cafeeiras do mundo, vem ocorrendo queda nos preços mundiais e também nos preços reais recebidos pelos cafeicultores".

PERSPECTIVAS

O conferencista opinou que tal situação não deve ser passageira, a menos que se registrem fatos imprevisíveis, como sejam as geadas, secas, mudanças bruscas na política cafeeira, etc. Fundamenta-se essa opinião no fato de que a safra mundial exportável foi, no último biênio, em média, de quase 61 milhões de sacas, enquanto em 1959 (ano recorde) as importações mundiais atingiram somente 41,6 milhões. Registra-se, portanto, a acumulação de grandes estoques, dos quais o Brasil, pela sua posição no mercado, carrega volumosa parcela de excedentes. Diante desse quadro, dificilmente se pode esperar melhoria nos preços reais.

POSIÇÃO DO CAFÉ

Recordou o sr. Rubens de Araújo Dias que o café constitui ainda a principal exploração de nossa agricultura, embora ultimamente venha perdendo terreno. De fato, em 1948-52 a sua participação na renda bruta da agricultura paulista foi de 32,4%, devendo cair para 20% em 1960. O fenômeno resulta não só da já apontada perda sofrida pelo café, como também da crescente importância que vêm assumindo outros produtos, cada vez mais requeridos pelo alargamento do mercado interno, como a carne, o leite, os cereais, etc. Já na economia brasileira, o café continua a representar papel de alta importância, mesmo porque é a principal fonte de divisas, tendo fornecido, no quinquênio de 1955-59, perto de 60,6% de nossas cambiais. Por seu turno, os outros produtos de exportação não têm aumentado as suas contribuições, que já há quinze anos se situam entre 500 e 600 milhões de dólares. Portanto, se o café sofrer baixa em seus preços externos, a nossa receita cambial será gravemente afetada, com prejuízo para a continuação do desenvolvimento econômico.



Só com cafés de boa qualidade podem os produtores enfrentar os seus concorrentes de fora. Na qualidade do nosso café, que é o estêo da riqueza nacional, reside o fator máximo do problema econômico do país. O único remédio contra o excesso de produção é a produção de cafés finos. No clichê magnífico aspecto de vicosos cafezais plantados de acordo com a técnica moderna.